

TEMPO, MISTÉRIO E LINGUAGEM: A REPRESENTAÇÃO NA HISTÓRIA DO FUTURO DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Patricia de Freitas CAMARGO¹

RESUMO

Antônio Vieira (1608-1697) é considerado um dos maiores autores da língua portuguesa. A quantidade surpreendente de escritos que produziu é proporcional à riqueza de temas que tratou de modo retoricamente exemplar. No entanto, a apreciação positiva desse gigantesco legado não foi sempre unânime – e mesmo hoje não o é, sobretudo quando são considerados os diversos gêneros utilizados pelo jesuíta. O confronto dos diferentes juízos e seus critérios revela que as principais divergências têm origem não no gosto, mas na própria concepção de linguagem que estrutura aqueles textos: se a língua portuguesa se faz reconhecer no primor das palavras de Vieira, a concepção de linguagem que as estrutura revela uma descontinuidade profunda. É essa descontinuidade que motiva o exame atento dos fundamentos da linguagem e da representação encontrados num texto particularmente problemático: a *História do Futuro*. Seguindo os estudos pioneiros sobre as práticas de representação colonial de João Adolfo Hansen (1989, 2013) e Alcir Pécora (1994), coloco sob exame o modo pelo qual Vieira articula os conceitos de palavra e de discurso em relação à sua concepção de história, buscando compreender o ordenamento de sentido de palavras e de eventos a partir de uma perspectiva temporal particular – a escatologia cristã – em uma construção essencialmente imagética.

Os escritos de Antônio Vieira revelam todo um arcabouço conceitual que sustenta tanto a agudeza de sua forma quanto uma concepção retórica e teológica da própria linguagem e da representação de um modo geral. Compreender essa arquitetura de sentido é o passo necessário a qualquer leitura que procure dar conta das obras de Vieira de uma perspectiva historicamente informada.

PALAVRAS-CHAVE: Antônio Vieira; Retórica; Linguagem; História, Teologia política

A *História do Futuro* de Antônio Vieira é um objeto tão interessante quanto problemático: não é propriamente um livro, porque permaneceu inacabado, e sua composição foi cercada de constrangimento e polêmica. Os primeiros capítulos dessa *História* foram publicados por João Lúcio Azevedo apenas em 1918; outros fragmentos

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (São Paulo, Brasil). Endereço eletrônico: patricia.camargo@usp.br

provavelmente pertencentes à *História do Futuro* foram editados por Adma Fadul Muhana em 1994. Há ainda polêmica em torno do próprio estatuto dessa obra, como se constata pelo trabalho de Silvano Peloso (2005) que questiona a própria existência da *História do Futuro* como obra autônoma.

Entre fragmentos e hipóteses encontra-se uma edição póstuma do livro-exórdio da *História do Futuro: o Livro Anteprimeiro*. Trata-se de um texto também inacabado, escrito provavelmente entre os anos de 1649 e 1665 e impresso em Lisboa em 1718. A trajetória desse texto é incerta, e não há um manuscrito autógrafo, embora a página final conste dos papéis do processo de Antônio Vieira na Inquisição².

No entanto, essa imperfeição do livro não impediu que ele recebesse várias edições e fosse lido como obra profética, histórica ou literária. O *Livro Anteprimeiro* tornou-se, portanto, o supérstite mais editado da obra especulativa de Vieira, mesmo sendo um livro decididamente problemático do ponto de vista filológico: diz-nos José Van Den Besselaar que “o manuscrito que serviu de base à *editio princeps* de 1718 era um apógrafo inferior de um “retalho” ou “remendo” de texto, “que Vieira remetera para Lisboa na primavera de 1665.” (Besselaar 1976:19). Ou seja: não se trata de um obra (mal) acabada, mas, conforme João Lúcio Azevedo (2008) e José Van Den Besselaar (1976) observaram na correspondência de Vieira, uma amostra de texto com a finalidade específica de “vender” o todo, e que foi posteriormente (e postumamente) editada como livro.

Fica evidente que um livro inacabado, publicado postumamente com matéria censurada pelo Santo Ofício – e enfaticamente recomendado pelos qualificadores do mesmo Santo Ofício décadas depois das censuras (Vieira 1718:2 e seguintes) – não poderia ser “aquele lugar tranquilo” (para utilizar uma expressão de Michel Foucault (2009a:36)) a partir do qual se podem colocar outros problemas. O *Livro Anteprimeiro* é, desde o princípio, um lugar de imperfeição: é exórdio de uma obra da qual se conhece aproximadamente “um vigésimo” (Besselaar 1976) e é um texto retoricamente inconcluído. É, enfim, lugar de imperfeição a sua matéria – o tempo, lugar de uma escritura viva e dependente do livre-arbítrio humano, sobre o qual a espiritualidade jesuítica buscou sistematicamente influir.

2 O processo inquisitorial a que Vieira foi submetido de 1660 a 1668 deu-se em torno justamente de suas proposições a respeito do dom profético de Bandarra e do Quinto Império ou Reino de Cristo Consumado na Terra – matérias da *História do Futuro* – provadas com as *Trovas* do sapateiro que circulavam em Portugal no século XVII.

A imperfeição, neste caso, não é apenas uma circunstância do texto, mas uma chave para a sua compreensão. Só é possível compreender a extensão e a importância da obra especulativa de Vieira a partir desse conceito. Isto porque a imperfeição é tomada como categoria temporal e teológica num discurso que é, ele mesmo, ordenado para escrever nada menos que a própria história. Sim, trata-se de *história*, e história do futuro: termos que não estavam em contradição em uma representação iluminada pela luz da Graça.

A própria complexidade do estatuto filológico da *História do Futuro* tem origem no conceito de representação, e não apenas na condição material dos manuscritos autógrafos e apógrafos conhecidos. Ela surge principalmente da distância que separa os códigos de representação neles utilizados e os códigos de recepção que definem o que é uma *obra literária*, o que é um *gênero literário*, o que é *representação*. Começo por este lugar de diferença, citando a definição de João Adolfo Hansen e Marcello Moreira (2013) que é perfeitamente adequada a este tipo de objeto:

Representação é categoria histórica substancialista ou a forma cultural específica da política católica portuguesa que, no século XVII, estrutura as práticas discursivas e não-discursivas da Bahia. Categoria tabular, condensa articulações e referências de sistemas simbólicos anteriores e contemporâneos como cerrada unidade de metafísica, teologia, política, ética, direito e retórica escolasticamente doutrinados. Inventada mimeticamente por procedimentos retóricos, *representação* determina as representações particulares como *evidentia* ou efeito sensível da presença de princípios teológico-políticos católicos constitutivos das formas das posições sociais de estamentos e indivíduos unificados como “corpo místico” subordinado no pacto de sujeição.” (Hansen; Moreira, 2013:292).

No caso específico do discurso de Antônio Vieira, é absolutamente necessário levar em conta não apenas a doutrina católica de representação como também a doutrina jesuítica de ordenamento do tempo em função de um fim – no duplo sentido de termo e finalidade. É a partir desta perspectiva que a *História do Futuro* se constrói como instrumento para determinar a continuidade de um discurso e de um decurso como representação retórico-teológico-política – uma espécie de ‘trindade’ (no sentido católico) no plano da representação. Essa unidade, já demonstrada por Alcir Pécora em seu estudo sobre os *Sermões* de Vieira (1994), confirma-se na leitura do *Livro Antepimeiro da História do Futuro* e das obras especulativas do jesuíta, abrindo um campo de indagação que antecede a leitura dos escritos de Vieira como documentos ou

obras de arte literária e que pode talvez fazer justiça a uma história e a uma forma que envelheceram: a *História do Futuro* e a retórica teologicamente articulada.

Do imperfeito ao perfeito: tempo e retórica

Antônio Vieira apresenta desde início a sua *História do Futuro* como representação singular, que contraria as regras do gênero (para que o desempenho dessa dificuldade produza o efeito de maravilha aguda):

As outras histórias contão as cousas passadas: esta promette dizer as que estão por vir. As outras trazem á memoria aquelles sucessos publicos que vio o mundo; esta intenta manifestar ao mesmo mundo aquelles segredos occultos e escurissimos que não chega a penetrar o entendimento. (Vieira, 1976:67).

O desafio retórico não é pequeno: provar que o impossível é possível (contar a história do futuro antes de seu acontecimento), e que o pecado não é pecado (desejar ter o conhecimento que é prerrogativa de Deus). O paradoxo é resolvido com as regras da retórica: a *quaestio infinita* ('não é possível conhecer o futuro com o intelecto humano') é redefinida, ou refinada, com a *quaestio finita* ('esta história demonstra a ação da Providência que revela ao intelecto humano – através da profecias e da razão dos sucessos – a disposição divina nos tempos'). Os acontecimentos do passado são lidos por Vieira como *figuras* dessa revelação: literalmente, figuras de uma linguagem cifrada que se lê no universo criado. Este tipo de leitura figural dos acontecimentos é antiga e acompanha a exegese cristã há séculos (Auerbach 1997). Cada objeto natural ou artificial – lugares, coisas, pessoas, nomes, discursos – pode ser lido alegoricamente como lugar-comum de reconhecimento da Verdade que se revela no tempo.

Assim, Vieira interpreta episódios de seu tempo segundo a lógica da *concordantia* entre figura profética e seu preenchimento no acontecimento histórico (ou *veritas*): no *Livro Antepimeiro*, Vieira comenta o cântico de Habacuc (cap. 3) como visão profética do Império de Cristo, que “triunfou, em hum dia, da morte, do Demonio e do peccado, e depois, em varios tempos, foy triunfando da idolatria e gentilidade conforme a dispensação da sua Providencia” (Vieira 1976:239). Segundo ele, a “parte maritima” de tal triunfo pertence aos portugueses, “por meyo de cuja navegação e prégação sugeytou Christo á obediencia de seu Imperio tantas gentes de ambos os

mundos” (Vieira 1976:240) A imagem poética da profecia é então confrontada com a narração figurada dos feitos dos portugueses:

Os Portuguezes forão aquelles cavalleyros a quem Christo abrio o primeyro caminho pelo mar: *viam fecisti in mari equis tuis*; os Portuguezes aquelles cavalleyros que pizárão as ondas do mar, como os cavallos pizão o lodo da terra: *in luto aquarum multarum*; e as náos dos Portuguezes aquellas carroças que levárão pelo mar a Fé e a salvação: *et quadrigae tuae salvatio*. E a primeyra empreza e vitoria desta cavallaria de Christo foy a sugeyção do mesmo mar bravo, soberbo, furioso e indomito que ou Christo lhe sugeytou a elles, ou elles o sugeytárão tambem a Christo, para que o reconhecesse e adorasse. (...) Esta foy a primeyra vitoria de Christo, e este da sua cavallaria o primeyro triunfo.

(...) Dizer o profeta que Christo havia de abrir caminho no mar á sua Cavallaria e que a empreza desta Cavallaria havia de ser a salvação das almas, não só tem a fermosura da metáfora, senão a propriedade do caso e a verdade da historia e cumprimento da profecia; pois verdadeiramente esta admiravel empreza não foy obra de outro principe senão de hum que era propriamente administrador e governador da Ordem da Cavallaria de Christo [o Infante Dom Henrique], e feyta não com outras despezas senão com as rendas e thesouros da mesma Cavallaria, e serviços e merecimentos proprios della.

E porque o mayor ministro do Euangelho que se embarcou nas carroças desta Cavallaria para levar a salvação ás terras e gentes que ella descubrio e conquistou, foy o grande Apostolo da Índia, São Francisco Xavier (cujos primeyros trabalhos forão os da navegação da costa de Africa e prégação da fé em Moçambique), he cousa memoravel e muyto digna de se referir neste lugar que também elle foy Cavalleyro da mesma ordem. (Vieira, 1976: 240-241).

As razões humanas são confrontadas com a razão profética por meio das metáforas: a cavalaria poética do cântico é a cavalaria histórica instituída por D. Dinis na luta contra os infiéis, os cavalos cavalgam o mar como o fazem as naus da mesma cavalaria, levam o apóstolo das Índias para sujeitar gentios e infiéis. Adiante Vieira diz a razão de sua representação: “para confirmação de tudo isto e para que os Portuguezes conheção quanto devem a Deos pelos escolher para instrumentos de obras tão admiráveis”. (Vieira, 1976: 242).

O uso sistemático de metáforas e alegorias no *Livro Antepimeiro* custou a Antônio Vieira o desprestígio da obra entre historiadores, mesmo entre os que muito admiraram sua habilidade retórica. Recebeu duras críticas no século XIX, e mesmo João

Lúcio Azevedo, seu biógrafo, não deixou de minimizar o valor histórico dos capítulos da *História do Futuro*:

Menos interesse terão os fragmentos como trechos de filosofia da história, quando desde que Vieira nela aventurou seus passos, enredados na educação teológica do seu século e em preconceitos pessoais, tantas aquisições neste ramo do saber humano tem feito a crítica, e a investigação dos factos que ela ilumina. Sem embargo não deixam de ser bom cevo à curiosidade de quem pretenda conhecer a complicada estrutura mental de um homem famoso da nossa raça, e mimo aos que estudam nos mestres a boa linguagem portuguesa. (Azevedo, 1918: 10).

Da História do Futuro não ha que fallar, porque não he propriamente historia, he uma adivinhação, uma conjectura, uma predição atrevida, antes um monstro, de que não he acertado tirar prova alguma, ou contra ou a favor dos talentos historicos d'aquelle, que a compoz. (Lobo, 1823:68).

Julgamentos fundados em concepções pós-iluministas de história não levaram em conta o empenho de Antônio Vieira na definição de história como conceito e como gênero. É no *Livro Antepimeiro* que o jesuíta apresenta sua definição de *história* em confronto com a definição de *profecia*:

Os profetas não chamão historias ás profecias, porque não guardão nellas estylo nem leys de historia: não distinguem os tempos, não assinalão os lugares, não individuão as pessoas, não seguem a ordem dos casos e successos; e quando tudo isto virão e tudo disserão, he envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido em enigmas, e contado (ou cantado) em frases proprias do espirito e estylo profetico, mais accommodado á magestade e admiração dos mysterios que á noticia e intelligencia delles. (Vieira, 1976: 74).

Duas são as características que Vieira aponta como distintivas do gênero história: a distinção de tempos, lugares e pessoas na narração do que é particular, segundo a “ordem dos casos e sucessos”, e o estilo utilizado – retoricamente, a matéria de que se trata, sua disposição e o estilo da elocução (claro, sem enigma). Ao falar da matéria, Vieira apresenta um paralelismo entre a sua *História* e as histórias dos historiadores que ofereciam os modelos do gênero, e expõe a particularidade e superioridade da sua história:

Pomos hoje no theatro do mundo esta nova historia, por isso chamada ‘do Futuro’. Não escrevemos com Beroso as antiguidades dos Assyrios, nem com Xenophonte as dos Persas, nem com Herodoto as dos Egypcios, nem com Josepho as dos Hebreos, nem com Curcio as dos Macedonios, nem com Tucidades as dos Gregos, nem com Livio as dos Romanos, nem com

escritores Portuguezes as nossas, mas escrevemos sem author o que nenhum delles escreveo nem pôde escrever. Elles escrevêrão historias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. (Vieira, 1976:71).

No *Livro Antepimeiro*, Vieira enuncia já sua concepção de tempo nas imagens que utiliza: põe no “theatro do mundo” a sua história: uma obra de representação (histórica) dentro de outra obra de representação (teatro). Esta metáfora aparentemente acessória do ponto de vista da *elocutio* reaparece no capítulo X do *Livro Antepimeiro*, revelando sua importância como argumento da *inventio* que não é dado de início, mas que se demonstra como tal no próprio discurso daquela *História* como sinal visível da Providência nos “sucessos da história”:

Este mundo he um theatro, os homens as figuras que nelle representão, e a historia verdadeyra de seus successos huma comedia de Deos traçada e disposta maravilhosamente pelas idades de sua Providencia. E assim como o primor e subtileza da arte comica consiste principalmente naquella suspensão do entendimento e doce enleyo dos sentidos, com que o enredo os vay levando após si, pendentes sempre de hum successo para outro successo, encubriendo-se de industria o fim da historia, sem que se possa entender onde irá parar, senão quando já vay chegando e se descobre subitamente entre a expectação e o applauso; assim Deos, soberano Author e Governador do mundo, e perfeytissimo Exemplar de toda a natureza e arte, para mayor manifestação de sua gloria e admiração de sua sabedoria, de tal maneyra nos encobre as cousas futuras, ainda quando as manda escrever primeyro pelos profetas, que nos não deyxá comprehender neem alcançar os segredos de seus intentos, senão quando já tem chegado ou vão chegando os fins delles, par nos ter sempre suspensos na expectação e pendentes de sua Providencia. (Vieira, 1976: 172).

Vieira, que escrevia “sem author”, declara na segunda ocorrência da imagem do “theatro do mundo” que não se trata de uma história sem *auctoritas*, mas de uma história que tem como modelo a fonte de toda autoridade: “Deos, soberano Author e Governador do mundo, e perfeytissimo Exemplar de toda a natureza e arte”. Ao dizê-lo, Vieira explica metaforicamente por que escreve uma história que nenhum outro historiador escreveu ou poderia escrever: porque antes não eram chegados nem vinham chegando “os fins dos intentos do Autor”. É o tempo – ou a proximidade do fim dos tempos – que o autorizaria a escrever a história do futuro. O fim da história é “encoberto de indústria”, incompreensível “senão quando já vay chegando e se descobre subitamente entre a expectação e o applauso”. Vieira fala, portanto, de um tempo finito, e próximo de seu fim.

Assim como no teatro, em que a “comédia de Deus” já é perfeita desde o princípio – como a obra já é perfeita (em potência) antes de ser representada, mas se dá a conhecer no tempo da ação, em que cada aspecto é revelado como significativo – a História de Vieira supõe o tempo, que é sua matéria, como uma obra perfeita da perspectiva da eternidade. Vieira não escreve, portanto, para uma posteridade: não escreve “histórias do passado para os futuros”, mas “a do futuro para os presentes”. E o que era “suspensão do entendimento” pode, ao fim, ser antes revelado – para que não se atribua “á fortuna ou industria humana o que se deve só á disposição divina” (Vieira 1976:91).

Segundo o discurso de Vieira, onde o público da história humana vê uma sucessão de acontecimentos, o supremo Autor tem inscrito, de modo misterioso, um sentido. Como historiador Vieira anuncia que contará uma história “dos sucessos futuros”; como instrumento da Providência e iluminado pela luz da Graça, Vieira anuncia que revelará o sentido desses sucessos, e de toda a história, como “um futuro que está perto” de ser descoberto (Vieira 1976:80). Este é o fundamento teológico da possibilidade de se escrever a história desconhecida, e já escrita, do futuro.

Não é, portanto, a um público qualquer que Vieira apresenta sua história: ele a coloca no “teatro do mundo”, uma hipérbole aparente – porque “não chama a um pigmeu gigante” (Vieira 1976:86) – que se resolve no “preenchimento” retórico da mesma metáfora como o teatro em que se encena o discurso de Deus. É a este mundo que o sentido da história deve ser revelado; não a uma parte do mundo – porque Vieira não chama “a um braço homem” (Vieira 1976:86) –, mas ao mundo todo.

É com uma famosa comparação do *Livro Antepimeiro* que Vieira completa sua exposição do conceito de tempo como finito e próximo de sua perfeição:

O tempo (como o mundo) tem dous emispherios: hum superior e visivel, que he o passado; outro inferior e invisivel, que he o futuro. No meyo de hum e outro emispherio ficão os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que himos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu principio a nossa historia, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo emispherio do tempo, que são os Antípodas do futuro. Oh, que de cousas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento! (Vieira, 1976:72).

O conhecimento da perfeição do tempo é apresentado como análogo ao conhecimento da perfeição do mundo. Proporcionalmente, já sendo conhecido desde os Descobrimentos o que era desconhecido no mundo, era o momento de descobrir o que

antes era desconhecido sobre o tempo. Essa analogia só tem valor de exemplo a partir de um outro pressuposto teológico: o de que toda a Criação, que compreende o tempo, é obra de Deus, supremo Artífice, que tudo criou para um fim providencial. Portanto, tudo na Criação tem um sentido misterioso como obra que é, desde a eternidade, concebida como perfeita e engenhosa, e cujo mistério não se revela inteiramente antes de seu fim – ou da proximidade de seu fim. O discurso de Vieira se apresenta como imagem iluminada desse “discurso divino” no decurso histórico: “Impossível pintura parece, antes dos originaes, retratar as cópias. Assim forão retratos de Christo Abel, Isac, Joseph, David, antes do Verbo ser homem.” (Vieira 1976:71). Eis o modelo interpretativo da *História do Futuro*: como na história escrita por Deus, também na história de Vieira o decurso histórico é lido como figura.

Antes da objeção de que a interpretação figural que realiza, as metáforas que utiliza e o argumento de sua História (os eventos futuros) não são próprios da história, mas da profecia, Vieira já dispõe na mesma metáfora do teatro do mundo solução do paradoxo de seu “estyllo”: ele emula os historiadores e imita o “perfeytissimo Exemplar de toda a natureza e arte”:

E porque nós, em tudo o que escrevermos, determinamos observar religiosa e pontualmente todas as leys da historia, seguindo em styllo claro e que todos possam perceber, a ordem e successão das cousas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas de suas circumstancias; e porque havemos de distinguir tempos e annos, sinalar provincias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quanto o sofrer a materia), por isso, sem ambição nem injuria de ambos os nomes, chamamos a esta narração “historia”, e “Historia do Futuro”. (Vieira, 1976:74).

Vieira não chegou a escrever essa história, que sobreviveu em seu anúncio. Sabe-se, a partir do plano da obra (que tem entre seus títulos o de “Esperanças de Portugal), que Vieira tinha a pretensão de escrever a história universal a partir dos eventos particulares de seu “último e mais perfeito estado”: o Quinto Império, Império de Cristo, perfeito porque estendido por toda a Terra, perfeito em seus súditos como estado de Graça, justiça e paz universal, cujo “tempo, duração e ordem” sua História pretendia representar. A definição do tempo, lugar e dos meios de instauração do Quinto Império, a definição desse império, a definição da pessoa de seu imperador temporal eram matérias próprias do gênero história; o meio para o reconhecimento da verdade e do sentido dessa história (e requisito para que ela pudesse ser escrita) é a leitura de uma escrita figurada na realidade dos acontecimentos, misteriosa e divina: a profecia figural.

O mundo como escritura

Como bem lembra Erich Auerbach em seu estudo *Figura*, de 1938, desde Tertuliano (século III) o significado de figura

era totalmente literal e real, pois, até onde havia profecia figural, a figura possuía tanta realidade histórica quanto aquilo que profetizava. A figura profética, em seu entendimento, era um fato histórico concreto, preenchida por fatos históricos concretos. (Auerbach, 1997:28).

Daqui, duas consequências importantes para a compreensão da *História* de Vieira como uma interpretação figural dos acontecimentos históricos do passado, de seu tempo e do tempo que ele supunha próximo: a primeira, a de que a sua *História* era, a justo título, a história de fatos concretos; a segunda, a de que a história dos fatos concretos era exemplo (e, retoricamente, prova) do substancialismo da linguagem pela qual é possível revelar o mundo como forma concreta do discurso divino – linguagem que Vieira utiliza quando apresenta metáforas e alegorias como argumentos.

Vê-se no discurso de Vieira uma concepção de linguagem que deve ser compreendida como fenômeno de longa duração, que vinha dos Padres da Igreja e se tornou corrente durante a Idade Média. Tanto o substancialismo da linguagem figural, como a designação do preenchimento como *veritas* permaneceriam na definição de *figura* como *allegoria in factis*:

O preenchimento é constantemente designado como *veritas* (...) e a figura, por sua vez, como *umbra* ou *imago*: mas tanto sombra quanto verdade são abstratas apenas em referência ao significado, a princípio ocultado para ser revelado em seguida; são concretas em referência às coisas ou pessoas que aparecem como veículos do significado. (Auerbach, 1997: 31).

Vieira tem a seu favor uma tradição interpretativa autorizada pela Igreja e utilizada ao longo de séculos para a interpretação da Sagrada Escritura, que ele aplica à história de seu tempo – o que é não-canônico (porque não autorizado por Concílio ou decreto papal), mas não deixa de ser verossímil, porque toma como figuras fatos que têm “realidade histórica” (como toda a história do povo escolhido de Deus nas narrativas bíblicas, e como a própria história de Jesus e seus discípulos na expansão da Igreja) e uma realidade literal: a realidade do sentido próprio ou figurado das próprias palavras escritas com letras. É neste ponto – na definição de um sentido simultaneamente próprio e figurado – que discurso e decurso se entrecruzam:

Ao lado da contraposição entre figura e preenchimento ou verdade, aparece uma outra, entre figura e *historia*; figura ou *littera* é o sentido literal ou o acontecimento relatado; figura é o próprio significado literal ou acontecimento referido ao preenchimento nele oculto, e este preenchimento é *veritas*, de modo que figura torna-se o termo do meio entre *littera-historia* e *veritas*. Nesta conexão, é equivalente a *spiritus* ou *intellectus spiritualis*, algumas vezes substituído por *figuralitas* (...). Naturalmente figura e história podem ser usados de modo permutável (*ab historia in mysterium surgere*), diz Gregório, o Grande (Ezequiel 1,6,3), e, além disso, tanto *historiare* quanto *figurare* significam ‘representar em imagens’, ‘ilustrar’; a primeira, no entanto, apenas no sentido literal, mas a segunda, também no sentido de ‘interpretar alegoricamente’. (Auerbach, 1997: 41).

Vieira aplica esse procedimento quando utiliza as Escrituras não como exemplo, mas como prefiguração literal e factual dos acontecimentos futuros:

O mundo de que fallo he o mundo, aquelle mundo e naquelle sentido em que disse São João: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit*: “O mundo que Deus creou, o mundo que o não conheceo”, e o mundo que o ha de conhecer. Quando o não conheceo, negou-lhe o dominio; quando o conhecer, dar-lhe-ha a posse. (...) O mundo que conhecerão os Antigos[diz Ortelio] se dividia em tres partes: Africa, Europa, Asia; depois que se descubrio a America, accrescentou-lhe a nossa idade esta quarta parte; espera-se agora a quinta, que he aquella terra incognita, mas já reconhecida, que chamamos Austral”. Este foy o mundo passado, este he o mundo presente e este será o mundo futuro; e destes tres mundos unidos se formará (que assim o formou Deos) hum mundo inteyro. Este he o sugeyto da nossa Historia, e este o Imperio que promettemos do Mundo. (LA:86).

Para Vieira, as palavras da Bíblia têm seu sentido plenificado no decurso histórico (ele entende que a palavra “mundo”, na letra de João, não tinha seu significado plenamente revelado porque o mundo ainda lhe era desconhecido), e a sucessão de acontecimentos tem seu sentido revelado pela Escritura. São dois discursos que se completam: é a *concordantia* entre discurso e decurso o objeto da *História do Futuro*, concordância que só é possível com o pressuposto de que ambos têm um único Autor. É dessa Autoria que deriva a ‘licença poética’ do discurso de Vieira: “*sciant et recogitent et intelligant [...] quia manus Domini fecit hoc.*” (Vieira, 1976: 87).

É nesse duplo sentido do discurso da História do Futuro – literal e figural, particular e universal – que o estilo de Vieira combina recursos retóricos e poéticos, pelos quais o seu discurso teatraliza a verdade da própria linguagem que postula: uma linguagem misteriosa, poética e aguda, que aproxima as metáforas de sua própria

elocução a partir de um sentido substancial. O discurso de Vieira é metafórico como é metafórica a representação seiscentista que imita em sua forma as operações intelectuais do conhecer para agradar e persuadir, produzindo o “belo eficaz”. Aproximando conceitos distantes, Vieira constrói sua História a partir de metáforas e figuras, em que o que é distante no tempo e no espaço se aproxima pela sua forma conceitual. É assim que a metáfora dos hemisférios do tempo, apresentada a uma nação que conheceu a grandeza com as grandes navegações, ressoa na imagem do “historiador do futuro”:

Sós e solitariamente entramos nella [na História do Futuro] (mais ainda que Noé no meyo do diluvio), sem companheyro nem guia, sem estrella nem farol, sem exemplar nem exemplo. O mar he immenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noyte escurissima; mas esperamos no Pay dos lumes (a cuja glória e de seu filho servimos) tirará a salvamento a fragil barquinha: ella com melhor ventura que Argo, e nós com maior ousadia que Tiphys. (Vieira, 1976: 74).

Vieira aproxima os grandes descobrimentos dos séculos XV e XVI ao descobrimento do tempo incógnito: o ato proibido (perscrutar o futuro) se torna, nesta imagem, providencial e heróico. Comparando sua empresa à de Noé, instrumento da Providência, e comparando-se a Tífis, o timoneiro dos Argonautas, Vieira compõe seu caráter retórico semelhante aos de personagens que enfrentaram com bravura o desconhecido. Este também é ilustrado com uma imagem: a da escuridão, que só pode ser vencida com auxílio do “Pai dos lumes” – não é o Pai do lume, mas dos lumes, como Vieira explica adiante, “ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural das profecias” (Vieira, 1976:157). É no discurso, na semelhança das imagens e coincidência das palavras que a metáfora se revela alegoria e figura – um acúmulo de imagens que, em sua semelhança, revelam seu significado com maravilha: a “frágil barquinha” do discurso reaparecerá grandiosa no capítulo II, na imagem das naus da expansão marítima portuguesa:

Portentosas forão antigamente aquellas façanhas, oh Portuguezes, com que descobristes novos mares e novas terras, e déstes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como lieis então aquellas vossas historias, lede agora esta minha, que também he toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que elle era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada he segundo e menor este meu descobrimento, senão mayor: mayor Gama, mayor Cabo, mayor Esperança, mayor Imperio. (Vieira, 1976:82).

Como imagem resultante aparece o caráter de Vieira historiador do futuro: audaz e iluminado, Argonauta do Evangelho como missionário jesuíta no mundo e como

intérprete da história escuríssima dos futuros, instrumento pequeno para uma gigantesca empresa, para maior maravilha e glória do Autor de toda a história. Se a empresa dos grandes navegadores parecia impossível, e foi completada (porque era chegado o tempo de completá-la, como sabido a partir das promessas), também a sua empresa – o descobrimento do futuro – seria possível, com o mesmo auxílio da Providência, com a mesma esperança numa profecia – não a do campo de Ourique, mas a de Bandarra.

A interpretação figural autoriza Vieira a fazer uso poético-retórico das figuras de elocução, que funcionam simultaneamente como argumentos da invenção, de modo que o “estilo claro e que todos possam perceber” é o estilo que revela o sentido oculto dos acontecimentos. Do mesmo modo, a interpretação figural autoriza Vieira a modificar a usual “ordem e sucessão das cousas”, de modo que a disposição de sua História, por exigência de seu caráter revelador da analogia entre eventos históricos, siga o princípio dispositivo da figuração, pelo qual a lógica da relação entre dois eventos históricos não é a causalidade imediata da sequência temporal, mas a causalidade em seu sentido escolástico (a relação dos eventos como efeitos de sua Causa Primeira), fundamento da analogia. Nesta segunda relação de causalidade, o lapso de tempo que separa os eventos é irrelevante, porque, na qualidade de signos temporais, eles existem no tempo mas *são* na eternidade. Na *História do Futuro*, Vieira também transforma em agudeza essa diferença entre o lugar dos acontecimentos numa sequência histórica como “processo horizontal indivisível” (Auerbach 1997:50) e na sua representação como figuras (na qual os acontecimentos podem ser destacados desse lugar usual e reconhecidos em eventos distantes e inesperados como ato de revelação da *veritas*): se os acontecimentos narrados não são lidos como históricos, não podem ser figuras; se não são lidos como figuras, não podem revelar a verdade encoberta no futuro.

Esse tipo de representação articula, portanto, uma doutrina teológica do conhecimento histórico e uma dimensão retórica e política da *ordem* (de seres, coisas e palavras) de modo indissociável, e talvez por isso mesmo pareça tão desconcertante. A consequência dessa leitura dos eventos do tempo presente como um decurso revelador do sentido das Escrituras, segundo a mesma chave utilizada para leitura das Escrituras Sagradas como reveladoras da divindade do Cristo, é que ela transforma todo o universo criado num grande discurso, que se revela como signo. Conhecer significa, para Vieira, decifrar uma linguagem pela qual não se chega ao conhecimento da Coisa, mas pela qual se “re-vela” a sua Verdade nas formas do universo visível – o *modo sacramental* de representação (Pécora, 1994:112).

Esse modo sacramental de interpretação e representação dos eventos históricos que parece tortuoso e “barroco” para uma razão que busca a verdade na correspondência entre a palavra e coisa sensível não o era para uma razão que buscava a verdade na correspondência entre a coisa sensível e seu significado como Revelação. Nesta outra concepção de conhecimento, Deus está situado acima da esfera do entendimento humano; portanto, o sensível e o inteligível – o racional – são lidos como formas proporcionadas de significação.

Lendo a imperfeição do conhecimento, dos homens e dos tempos não como defeito, mas como um *estado*, Antônio Vieira escreve sua *História* como representação do corpo místico de Cristo, universal e perfeito, e não como o corpo morto do que é passado. A *História do Futuro* é, como seu texto diz, um retrato: retrato de “morte-cor”, construído a partir de camadas de significação que, em seu acúmulo, compõem o retrato dos portugueses, para que se reconheçam como povo eleito; o retrato do mundo, para que ele se reconheça como obra de Deus; o retrato do próprio Vieira, para que sua história seja digna de fé. A construção retórica dessa *História* é figural: o lugar de cada coisa e cada pessoa no mundo, e de cada acontecimento no tempo, é revelado a partir do reconhecimento de uma semelhança entre as Escrituras e os acontecimentos; é uma ordem e um desígnio o que a *História do Futuro* representa, e seu fim é justamente fazer com que a obra de Deus alcance a perfeição com a adesão das vontades. O retrato que Vieira constrói é, portanto, meio artístico de persuasão, e é nesse sentido que a retórica de Vieira não pode absolutamente ser dissociada da metafísica cristã: esta é o código organizador de uma forma de compreender o mundo, visando não a superficialidade das coisas e acontecimentos, mas seu sentido superior em um ordenamento. Compreender *esse* mundo significa compreender, sobretudo, o lugar de cada coisa, cada pessoa – e cada reino – num ordenamento que revela a Razão eterna inscrita em seu princípio e em seu fim.

Vieira Escreve e aspira participar dessa escritura substancial como instrumento da Graça: escreve uma história essencialmente diversa. Trata-se de um outro conceito de tempo, narrado a partir de outras categorias, que lhe permitem considerar o passado como signo e o discurso como prova. Não é apenas a retórica eclesiástica, considerada de modo genérico, que ordena o discurso de Vieira, e sim uma retórica prática que une o discurso das Escrituras ao decurso histórico, capaz de sustentar a verossimilhança de uma história narrada antes de seu acontecer (o que, depois de muito Iluminismo, pode parecer arbitrário e fantasioso).

Nesse sentido, talvez seja necessário ler o Livro Antepimeiro como testemunho desse ‘outro mundo’: um mundo estranho às categorias epistemológicas dos discursos iluministas e pós-iluministas, mas teimosamente presente na instituição retórica – que perdeu sua visibilidade, mas não perdeu a esperança de encontrar a verdade na história, ou ao menos seus indícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auerbach, Erich. 1997. *Figura*. Trad. Duda Machado. Revisão da tradução de José Marcos Macedo e Samuel Titan Jr. São Paulo: Ática.

Azevedo, João Lúcio. 2008. *História de Antônio Vieira* (2 vols.). São Paulo: Alameda.

_____. “Nota Explicativa”. In: *História do Futuro. Inédito de Antônio Vieira*. Com uma Nota Explicativa por João Lúcio Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.

Besselaar, José Van Den. 1976. “Introdução”. In: *Antônio Vieira. História do Futuro (Livro Antepimeiro)*. Ed. crítica (2 vol.). Münster Westfalen, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung.

Foucault, Michel. 2009a. *Le parole e le cose*. Milano: Rizzoli.

_____. 2009b. *L’archeologia del sapere*. Milano: Rizzoli.

Hansen, João Adolfo. 1989. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras.

Hansen, João Adolfo; Moreira, Marcello. 2013. *Para que todos entendais: poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra: letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Vol. 5. Belo Horizonte: Autêntica.

Lobo, Francisco Alexandre. 1823. *Discurso Histórico e Crítico Acerca do Padre Antônio Vieira e das suas Obras*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

MUHANA, Adma Fadul. 2008. (Edição, transcrição, glossário e notas). *Os Autos do Processo de Vieira na Inquisição*. São Paulo: UNESP.

Pecora, Alcir. 1994. *Teatro do sacramento*. São Paulo/Campinas: Edusp/Unicamp.

Peloso, Silvano. 2005. *Antonio Vieira e l’impero universale. La Clavis Prophetarum e i documenti inquisitoriali*. Viterbo: Sette Città.

Vieira, Antônio. 1976. *História do Futuro (Livro Antepimeiro)*. Ed. crítica (2 vol.). Münster Westfalen, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung.

_____; Muhana, Adma Fadul (ed.). 1994. *Apologia das coisas profetizadas*. Lisboa: Cotovia.

